

Interferências no discurso bilingue

Isabel Ermida
Maria Clara Amorim
Maria Manuela Veloso
Miguel Gusmão
Universidade do Minho

Um indivíduo, duas línguas, um gravador, papel, algumas tarefas e uma pergunta: qual o grau de interferência da primeira língua na segunda? Esta é a situação que aqui apresentamos. Avaliar a competência linguística – e comunicativa² – numa segunda língua por parte de falantes que supostamente dominam dois idiomas (e a que vulgarmente chamamos «bilingues») é a tarefa principal que o presente trabalho se propõe.

O fenómeno do bilinguismo tem suscitado diferentes abordagens, não existindo uma opinião consensual quanto à sua definição. Bloomfield, por exemplo, apresenta como critério de bilinguismo «a native-like control of two or more languages»³. Por outro lado, Haugen, menos exigente, considera bilingue um falante que produza enunciados completos e compreensíveis numa segunda língua⁴. Ainda mais flexível é a posição de Weinreich (1963, p. 1) e Mackey (1976, p. 372), que definem bilinguismo como a prática do uso alternado de duas ou mais línguas, considerando arbitrário e impossível determinar quando é que um falante se torna bilingue. Macnamara (1969), de um modo semelhante, admite chamar bilingue a um falante que domine tão-somente uma das quatro capacidades – falar, ouvir, ler, escrever – na segunda língua⁵.

Face a esta polémica, Suzanne Romaine, em 1989, define como utópica a pretensão de encontrar uma competência bilingue total⁶. Segundo a autora, um falante muito dificilmente gozará de um mesmo grau de fluência no uso das duas línguas: mais provavelmente verificar-se-ão vestígios da primeira quando o falante se exprime na segunda, ainda que tal apenas se manifeste numa das quatro capacidades – falar, ouvir, ler, escrever –, ou apenas num dos níveis de análise – fonológico, morfo-sintáctico, léxico-semântico, estilístico-pragmático.

Partindo deste pressuposto, torna-se pertinente considerar a questão da interferência. Weinreich (1963, pp. 1, 11) define este fenómeno como «as ocorrências de desvio à norma que se verificam no discurso dos bilingues, resultantes do grau de contacto com mais do que uma língua». Como é evidente, a interferência será

tanto maior quanto mais acentuada for a diferença entre os sistemas das línguas em causa. De notar ainda a distinção entre interferência a nível individual (*speech*), ou seja, como resultado do conhecimento pessoal que o falante bilingue tem da segunda língua, e interferência a nível colectivo (*language*), que ocorre sempre que as interferências, às quais o autor chama «empréstimos», são «habitualizadas» e assimiladas pelo sistema.

Mackey (1976, pp. 372-97) também se debruça sobre o fenómeno da interferência, definindo-o como «a utilização de elementos pertencentes a uma língua quando falamos ou escrevemos noutra». Porém, considera-o o resultado de três factores, a saber: o grau (o domínio maior ou menor das múltiplas áreas linguísticas), a função (o uso que o bilingue faz da segunda língua e as condições em que a utiliza) e a alternância (ou *code-switching*, a passagem de uma língua à outra, sobretudo a nível oral). São estas três características que vão determinar o maior ou menor grau de interferência no discurso de um falante bilingue.

Tomando estes princípios teóricos como ponto de partida, passaremos de seguida a analisar um conjunto de enunciados orais e escritos de oito falantes bilingues. A recolha desses enunciados foi efectuada no decurso de uma conversa informal, em que tiveram lugar uma entrevista oral e diversos momentos de produção escrita. A entrevista consistiu numa série de perguntas relativas à experiência linguística dos sujeitos em análise. Seguidamente, foram apresentadas diversas situações hipotéticas (contextualmente diversas) perante as quais se pretendia uma diversificação adequada das respostas linguísticas, visando-se, assim, avaliar o grau de competência comunicativa. Ainda a nível da oralidade, foi solicitada a leitura de vários provérbios e a sua explicação. Em termos de produção escrita, os falantes procederam à tradução de um pequeno texto contendo diversos *false friends*. O último momento consistiu na observação de uma pequena história em imagens e sua narração por escrito. (Ver anexo.)

Estes testes foram apresentados a indivíduos pertencentes a dois estratos culturais/profissionais distintos: professores universitários e alunos universitários. No primeiro caso, trata-se de falantes nascidos em países de língua inglesa que iniciaram a aprendizagem do português tardiamente, sobretudo quando da emigração para Portugal por motivos profissionais, mas que utilizam como instrumento de trabalho a língua inglesa. No segundo caso, os falantes são igualmente oriundos de países de língua inglesa, tendo no entanto aprendido o português desde a infância no seio familiar, dado serem filhos de emigrantes portugueses.

Passamos, agora, a analisar o comportamento linguístico dos vários falantes nos diferentes momentos deste trabalho, tendo em consideração a ocorrência de

interferências da primeira língua nos seguintes níveis: a) fonológico; b) morfo-sintáctico; c) léxico-semântico e d) pragmático.

Falante A.

Trata-se de uma professora nascida em Inglaterra há trinta e sete anos, que veio para Portugal há doze, quando se casou com um português. A falante reagiu de forma muito cooperante à entrevista, fornecendo frequentemente informação adicional e exprimindo-se de forma fluente. Fonologicamente, foram detectadas as seguintes interferências:

- a) aspiração das oclusivas iniciais («p^henso», «c^hostumas»);
- b) alveolarização do fonema /f/ ([menuz] por [menu f]);
- c) troca de fonemas: /n/ por /ŋ/ («conecia», «espaniol»);
- d) troca dos fonemas /l/ e /λ/ («se caliar», «trabaliava», «alieia»);
- e) troca dos fonemas /s/ e /ʃ/ («chiques»);
- f) desnasalização do ditongo «ão» («pau» por «pão»);
- g) monotongação («dificis», «rubada»);
- h) uso do /r/ *trilled* («marido», «moreno»).

A nível morfo-sintáctico, destacam-se bastantes incorrecções, nomeadamente no uso errado do género («o seu fome», «o cão está presa», «muito informação», «pessoas abertos»), a ausência do artigo antes do adjectivo possessivo («quebrar seu fome»), a troca de pronomes pessoais («tentando afastar-lhe» por «tentando afastá-lo»), a formação incorrecta dos advérbios de modo («exactamente»), o emprego errado dos pretéritos perfeito e imperfeito («Naquela altura, ele falou inglês» por «falava») e erros de concordância («bastantes desagradáveis»). Relativamente ao nível léxico-semântico, a falante, paralelamente a um correcto desempenho na tradução dos *false friends*, demonstrou algumas dificuldades de adequação lexical («faço erros», «Obrigado», «quebrar seu fome», «tomar siestas»). Quanto à competência comunicativa, foi capaz de diversificar satisfatoriamente os seus enunciados, usando fórmulas de cortesia adequadas, bem como diferentes tempos e modos verbais de acordo com as exigências contextuais.

Falante B.

Trata-se de uma professora nascida na Nigéria há trinta anos, que veio para Portugal há cinco. O seu desempenho linguístico caracterizou-se por uma fluência inicial considerável, provavelmente devido ao contacto com o português do Brasil durante a infância, e por momentos de grande insegurança resultantes de dificuldades que não soube ultrapassar, nos quais se verificou *code-switching*. No que diz respeito à fonologia, há a salientar os seguintes aspectos:

- a) aspiração das oclusivas iniciais («P^hortugal», «p^hor isso»);
- b) mudança do ponto de articulação (articulação alveolar de fonemas dentais: «muito bem», «por cento»)
- c) acentuação incorrecta («'Portugal», «nacio'nalidades»);
- d) abertura das vogais iniciais («âprende», «âmigós»);
- e) uso do /r/ *trilled* («quer dizer»);
- f) troca dos fonemas /l/ e /λ/ («me acoleram»);
- g) desnasalização do ditongo «ão» («estação», «alemao»);
- h) omissão de fonemas («mema coisa»).

Quanto ao nível morfo-sintático, registaram-se algumas dificuldades, designadamente o uso inadequado dos tempos verbais («não metes a foice...», «isso era importante», em vez de «foi»), erros de concordância («muita pouca informação», «esta clima»), colocação inadequada do pronome reflexo («quando aproximou-se»), o emprego incorrecto de conjunções («Fiquei surpreendida que eu lembrava»), a posição indevida do advérbio («que sempre fugia»). Relativamente ao domínio léxico-semântico, a falante manifestou alguns problemas, sendo de destacar os seguintes: omissões lexicais e escolha inadequada de palavras («a criar barulho», «a falar de dia em dia»). De notar, entretanto, que a tradução dos *false friends* foi bem sucedida. A nível pragmático, a falante registou pouco domínio da competência comunicativa, tendo diversificado muito pouco a formulação dos enunciados, e recorrendo a fórmulas estereotipadas.

Falante C.

Nascida nos EUA há cinquenta e cinco anos, professora, veio para Portugal há trinta e seis anos. A entrevista pautou-se por uma atitude solícita e espontânea, aliada a uma acentuada fluência. No entanto, deixou transparecer algumas interferências linguísticas, sobretudo a nível fonológico, a saber,

- a) aspiração das oclusivas iniciais («p^hortanto», «q^hue», «t^henho»);
- b) mudança do ponto de articulação (articulação alveolar de fonemas dentais: «muito, cedinho, visita»);
- c) abertura de vogais («regularmênte», «éu», «inglê»);
- d) o uso do /r/ *trilled* («ficar», «portanto», «americanos»);
- e) troca dos fonemas /l/ e /λ/ («atrapaliados», «se caliar»);
- f) ênfase da chiante final («mas», «anos», «outros»);
- g) desnasalização do ditongo «ão», «ãe» e «ões» («informação», «mae», «intenções»);
- h) omissão de fonemas («p'a ficar», «na'ceram», «tam'em»).

A nível morfo-sintático, verificou-se alguma vacilação no uso dos pretéritos perfeito e imperfeito («Os meus pais falavam português para mim e eu falei em inglês»). Paralelamente, a falante incorreu em erros de concordância («vinha a festas que celebrava aqui em Portugal» por «que se celebravam»). No plano léxico-semântico, há a registar uma considerável versatilidade no uso da língua, nomeadamente no emprego de termos específicos («corvo», «poste») e na tradução apropriada dos *false friends*. Em contrapartida, a falante demonstrou igualmente algumas dificuldades na escolha vocabular («não sei se tem alguma ajuda» por «não sei se tem alguma utilidade»). Quanto à competência comunicativa, desempenhou de forma satisfatória as tarefas que lhe foram propostas, conseguindo modalizar o seu discurso através de diferentes vocativos e tempos verbais.

Falante D.

Nascida no País de Gales há quarenta e um anos, professora, veio para Portugal há vinte e um. Ao ser entrevistada mostrou-se bastante segura, revelando espontaneidade e facilidade de expressão. Fonologicamente, as principais dificuldades consistiram em:

- a) abertura das vogais («talvéz», «méta», «rêgular», «fêchado»);
- b) o uso do /r/ *trilled* («favor», «marido»);
- c) troca dos fonemas /l/ e /λ/ («alieia»);
- d) desnasalização de fonemas nasais («manhá»);
- e) omissão de fonemas («p'eciso», «cala' boca»).

Quanto à morfo-sintaxe, a falante mostrou ter dificuldade no uso das preposições («atado duma árvore», «acabou de ficar» em vez de «acabou por ficar»), no emprego do género gramatical («o seu atenção») e na conjugação dos modos verbais («não metes em coisas que não conheces» por «não te metas...»). A nível léxico-semântico, denotou uma grande riqueza estilística, recorrendo, por exemplo, ao discurso directo, aos diminutivos, a uma adjectivação variada e a personificações. Pelo contrário, há a salientar algumas dificuldades de selecção vocabular («podia-me dar direcções para ir à estação?»). No plano pragmático, a falante deu mostras de uma boa capacidade de adaptação contextual, diversificando de uma forma razoável as formas linguísticas empregadas.

Falante E.

Trata-se de um estudante nascido no Zimbábue há vinte anos e que regressou a Portugal há quatro. Durante a entrevista, mostrou grande à-vontade, não se registando grandes hesitações ou pausas. Demonstrou rapidez de resposta e capa-

cidade de superar os obstáculos imprevistos, sobretudo a nível vocabular. De notar, a nível fonológico, a interferência bastante visível da pronúncia madeirense (dada a proveniência dos progenitores): por exemplo «assemilha» por «assemelha». A presença do /r/ *trilled* também é de salientar.

Quanto ao discurso escrito, revelou uma considerável riqueza vocabular, sendo capaz de demonstrar uma certa expressividade e criatividade:

a) uso de modalizadores:

a.1. adjectivos («presença ameaçadora», «situação caótica», «acesso livre e directo»);

a.2. advérbios («correndo velozmente», «ladra-lhe continuamente»).

b) uso de vocábulos específicos («poste», «amarrado», «corvo»).

Em contrapartida, o mesmo falante demonstrou dificuldades, tanto ao nível morfo-sintáctico (ausência do artigo antes do adjectivo possessivo [«deixa sua refeição», «atingiu seu objectivo»]; colocação incorrecta do pronome reflexo [«Será que podia-me indicar...»]) como ao nível léxico-semântico («préstimos» por «prestes», «comer» por «refeição», «vire sua atenção»).

A nível pragmático, não revelou capacidade de adaptar o discurso às situações específicas ([Dirigindo-se a um padre:] «Sr. doutor...»), não conseguindo diversificar nem os vocativos, nem os tempos e modos verbais, nem as fórmulas de cortesia.

Falante F.

Trata-se de uma estudante nascida no Canadá há dezoito anos, tendo regressado a Portugal há escassos meses. Em face de todas as tarefas propostas, não conseguiu ocultar um acentuado nervosismo, mostrando grandes dificuldades na expressão quer oral quer escrita. A nível fonológico, há a registar um ritmo sincopado («des-de») aliado a problemas específicos, tais como:

a) aspiração das oclusivas iniciais («^talvez», «^casa», «^Quem»);

b) colocação incorrecta do acento tónico («'dificuldade»);

c) troca dos fonemas /l/ e /λ/ («aleia», «barulo»);

d) monotongação de ditongos («rubada» por «roubada»);

e) desnasalização do ditongo «ão» («pau» por «pão»).

Quanto à produção escrita, a falante manifestou uma significativa pobreza e variadas dificuldades aos níveis morfo-sintáctico e léxico-semântico:

a) ausência de qualquer tipo de modalizador estilístico;

b) uso de termos gerais por desconhecimento dos específicos («ave» por «corvo»);

c) escolha lexical inadequada («embrulha» por «amarra»);

d) ausência de pronominalização (repetição sistemática dos vocábulos «cão» e «ave»);

e) troca de preposição por conjunção («chega a ponto que» em vez de «chega a ponto de»);

f) ausência de artigo («e ave nota»).

Relativamente ao domínio pragmático, foi capaz de diferenciar satisfatoriamente os enunciados, empregando variadas fórmulas de cortesia, bem como tempos e modos verbais adequados aos diferentes contextos situacionais.

Falante G.

Trata-se de uma estudante que nasceu em Angola há vinte anos, mas que viveu na África do Sul até aos dezassete, idade em que regressou a Portugal. Durante a entrevista, evidenciou uma certa insegurança, o que se traduziu sobretudo em respostas muito sintéticas e algo lacónicas. Em termos fonológicos, verificaram-se as seguintes interferências da língua inglesa:

a) aspiração das oclusivas iniciais («^talvez», «^quem»);

b) troca dos fonemas /l/ e /λ/ («aleia» por «alheia»).

No que diz respeito ao nível morfo-sintáctico, há a salientar:

a) falta de concordância verbal («Quem sustenta a família [geralmente os pais] é que dão educação», «Quando as coisas nos acontece»);

b) ausência do artigo antes do adjectivo possessivo («prevendo sua acção»);

c) emprego arbitrário dos tempos verbais (presente e pretéritos perfeito e imperfeito usados indiscriminadamente);

d) falta de coesão sintáctica («Quando o pássaro não se mexe, e lança-se ao pássaro»).

Relativamente ao nível léxico-semântico, a falante foi capaz de empregar termos específicos («poste») e expressões enriquecedoras do texto («O pássaro, prevendo a sua acção, sai do caminho»). Por outro lado, contudo, demonstrou ignorar alguns casos de *false friends* («library» por «livraria», «discussion» por «discussão»). Em termos de competência comunicativa, a falante revelou relativa facilidade em adaptar o seu discurso às variações contextuais.

Falante H.

Nascida no Canadá há dezoito anos, esta estudante regressou a Portugal há sete. Quando entrevistada, revelou grande à-vontade e segurança, dando respostas desenvolvidas e reformulando os enunciados, com vista a uma maior precisão. Paralelamente a uma influência rural marcante, a pronúncia caracterizou-se pela

aspiração das oclusivas iniciais («p^hortuguês») e pela troca dos fonemas /l/ e /ʎ/ («barulo»). Quanto à morfo-sintaxe, verificaram-se diversas irregularidades:

a) troca/omissão de preposições («começar de comer», «estava habituada as minhas amigas», «já estava habituada a falar no inglês»);

b) estrutura sintáctica incorrecta («Vimos para Portugal foi mais à base por causa do meu pai estar doente»);

c) uso indevido de categorias gramaticais («Tinha aulas portuguesas»);

d) emprego errado dos tempos verbais («Talvez a partir do 9.º ano teria Latim»).

Relativamente ao aspecto léxico-semântico, há a mencionar, por um lado, um certo cuidado e expressividade na escolha vocabular («facilita a missão do corvo», «o cão irrita-se», «satisfeito por ver o cão preso») e, por outro, algumas incorrecções na selecção lexical («Tiveram na ideia de irmos para cá», «porque tem muitas palavras em italiano parecidas com o português»). Ainda neste parâmetro, a falante efectuou uma tradução literal da maioria dos *false friends*. No domínio da competência comunicativa, revelou pouca versatilidade em produzir enunciados adequados à situação ([Dirigindo-se a um padre:] «Olhe, se faz favor...», [Dirigindo-se a um casal de meia idade:] «Olha, podiam fazer menos barulho?»).

No quadro sinóptico da página seguinte apresentamos a ocorrência, ou ausência – assinaladas respectivamente pelos sinais positivo e negativo – dos elementos de interferência da língua inglesa na língua portuguesa.

Em face do exposto, será legítimo concluir, na linha de Suzanne Romaine, que não há uma competência bilingue total. Em vez disso, todos os momentos do nosso trabalho apontam para a existência de diferentes níveis de bilinguismo, ou seja, de diferentes graus de proficiência na articulação das duas línguas. Na verdade, os conhecimentos paralelos de dois sistemas linguísticos não se revelaram estanques mas invasivos, sendo frequentemente de registar vestígios – ou «interferências» – da língua inglesa.

Tendo em conta os dois grupos de falantes mencionados, torna-se evidente uma demarcação no seu desempenho linguístico relativamente aos diferentes níveis de análise. As dificuldades mais evidentes do primeiro grupo (os professores) registaram-se ao nível fonológico, enquanto que os falantes do segundo grupo (os alunos) demonstraram desempenhos menos satisfatórios nas áreas léxico-semântica e pragmática. Quanto à morfo-sintaxe, as diferenças de comportamento linguístico são mais ténues, havendo a mencionar um número aproximado de interferências num e noutro grupo.

Estas características não serão alheias ao facto de os falantes dos dois grupos

NÍVEIS DE ANÁLISE	"Skills"				Elementos De Interferência	FALANTES								
	L	S	R	W		A	B	C	D	E	F	G	H	
FONOLOGIA					Aspiração das oclusivas iniciais	+	+	+	+	-	+	+	+	
					Desnasalização	+	+	+	+	-	+	-	-	
					Troca de fonemas	/n/ por /ɲ/	+	-	-	-	-	-	-	
				/l/ por /ʎ/		+	+	+	+	-	+	+	+	
				/s/ por /ʃ/		+	-	-	-	-	-	-	-	
				/z/ por /ʒ/		+	-	-	-	-	-	-	-	
					Colocação incorrecta do acento tónico	-	+	-	-	-	+	-	-	
					Mudança do ponto de articulação	-	+	+	+	+	-	-	-	
					Alveolarização de fonemas dentais	-	+	+	-	-	-	-	-	
					Monotonação	+	-	-	-	-	+	-	-	
				Omissão de fonemas	-	+	+	+	-	-	-	-		
MORFO-SINTAXE					Ausência de encaadamento consonântico-vocálico entre palavras	-	+	+	+	-	+	-	-	
					Uso incorrecto de tempos e modos verbais	+	+	+	+	+	-	+	+	
					Problemas de concordância	Género	+	+	-	+	-	-	-	
				Número			+	+	+	-	-	-	+	-
						Omissão do artigo antes do adjectivo possessivo	+	-	-	-	+	-	+	-
					Uso incorrecto das preposições	-	+	-	+	-	+	-	+	
					Uso incorrecto dos pronomes pessoais	+	-	-	-	-	-	-	-	
					Formação incorrecta dos advérbios de modo	+	-	-	-	-	-	-	-	
					Posição adverbial incorrecta	-	+	-	-	-	-	-	-	
					Ausência da inversão do pronome reflexo depois de conjunções subordinativas	-	+	-	-	+	-	-	-	
				Ausência de pronominalização/Repetições	+	+	-	-	+	+	+	+		
LÉXICO-SEMÂNTICA					Omissões lexicais	-	+	-	-	-	+	+	+	
					Imprecisões lexicais	+	-	+	+	+	+	+	+	
					Escolhas vocabulares incorrectas	+	+	+	+	+	+	+	+	
					Tradução incorrecta dos 'false friends'	-	-	-	-	+	-	+	+	
					Incompreensão de	Vocabulos	+	+	-	+	+	-	+	+
				Provérbios			+	+	-	+	+	+	+	+
						Adjectivação	Objectiva	-	-	-	+	+	-	-
				Subjectiva	+			+	+	+	+	-	-	-
						Diminutivos	+	-	-	+	-	-	-	
					Modalização Estilística	Discurso Directo	-	-	-	+	-	-	-	
			Personificações	+			+	+	+	+	+	-	+	
PRAGMÁTICA						Ausência de diversificação discursiva	-	+	-	-	+	-	-	+
					Inadequação do uso do vocativo	-	+	-	+	+	+	+	+	
					Inadequação das fórmulas de cortesia	-	-	-	-	-	+	+	+	
					Uniformização de tempos e modos verbais	-	+	-	-	+	-	-	+	

terem efectuado a aprendizagem do português em fases diferentes da vida. O primeiro grupo só aprendeu a língua portuguesa durante a idade adulta – depois, portanto, de assimiladas as estruturas gramaticais e fonológicas da língua inglesa. Veja-se, por exemplo, a particular dificuldade sentida ao nível da pronúncia de alguns sons não existentes no sistema fonético inglês. Em contrapartida, o segundo grupo realizou uma aprendizagem simultânea das duas línguas durante a infância, uma no seio familiar e outra no meio socioescolar. Daí a maior facilidade na articulação dos dois sistemas fonéticos e a menor incidência de interferências do inglês na pronúncia do português. Paralelamente, as diferenças socioculturais e educacionais dos dois grupos reflectem-se no desempenho menos conseguido por parte dos alunos nos domínios léxico-semântico e pragmático. São aqui de registar as maiores dificuldades não só na escolha lexical e na compreensão de vocábulos, provérbios e expressões idiomáticas, como também na adequação das fórmulas de cortesia e na diversificação do discurso em função das variações contextuais. Tal poderá dever-se a variados factores, que vão desde a ausência de hábitos de leitura e o contacto pouco assíduo com os bens de cultura a deficiências no processo de socialização, designadamente na aquisição doméstica de regras de conduta social e das chamadas «boas maneiras».

Que resposta dar à pergunta formulada no princípio deste trabalho? Os graus de interferência variam consoante não só o momento de aprendizagem da língua portuguesa como também a origem sociocultural e a formação educacional dos falantes em questão. Não será abusivo concluir que quanto mais cedo se processar o contacto paralelo com as duas línguas e também com os sistemas culturais e civilizacionais que constituem o pano de fundo do comportamento linguístico maiores serão as possibilidades de um desempenho correcto, adequado e livre de interferências, ou seja, de uma competência bilingue mais completa.

- 1 Suzanne Romaine (1989) faz notar que as noções de «língua mãe» ou «língua nativa» são problemáticas, sendo preferíveis os termos «primeira língua» em oposição a «segunda língua».
- 2 Segundo Hymes (1972, p. 277), um falante adquire conhecimento de uma língua não apenas a nível gramatical mas também ao nível da adequação contextual dos enunciados (*appropriateness*): «He or she acquires competence as to when to speak, when not, and as to what to talk about with whom, when, where, in what manner.» Logo, enquanto a competência linguística se refere à capacidade do falante de produzir frases gramaticalmente correctas, a competência comunicativa implica a capacidade de seleccionar formas que, de um modo apropriado, reflectem as normas sociais que governam os comportamentos linguísticos em situações específicas.
- 3 Suzanne Romaine (1989, p. 20) cita Bloomfield.
- 4 Haugen é citado por Romaine, *ob. cit.*, p. 20.

- 5 V. René Appel, e Paul Muysken, *Language Contact and Bilingualism*, Londres, Edward Arnold, 1987, pp. 2-3.
- 6 Cfr. Suzanne Romaine (1989, p. 18): «The notion of a balanced bilingualism is an ideal one.»

Appel, René, e Pieter Muysken (1987), *Language Contact and Bilingualism*, Londres, Edward Arnold.

Hymes, Dell (1972), «On Communicative Competence», in J. B. Pride e J. Holmes, eds., *Sociolinguistics. Selected Readings*, Londres, Harmondsworth.

Mackey, W. F. (1976), *Bilinguisme et contact des langues*, Paris, Editions Klincksieck.

Romaine, Suzanne (1989), *Bilingualism*, Oxford, Basil Blackwell.

Wardhaugh, R. (1986), *An Introduction to Sociolinguistics*, Oxford, Basil Blackwell.

Weinreich, Uriel (1963), *Languages in Contact. Findings and Problems*, The Hage/Paris, Mouton.

Anexos

Ficha de identificação

Nome _____

Data de nascimento _____

Nacionalidade _____

Residência _____

Profissão _____

Habilitações literárias _____

Estrutura da entrevista.

1. Naturalidade/Nacionalidade;
2. Permanência em Portugal:
 - onde;
 - desde quando;
 - porquê;
 - agradável ou não;
3. Condições de aquisição/aprendizagem da língua portuguesa;
4. Tipo de contacto com a língua portuguesa antes de vir para Portugal;
5. Estudo de Latim/outras línguas;
6. Situação profissional em Portugal;
7. Impressão pessoal da sua fluência em português;
8. Condições em que fala/escreve português ou inglês;
9. Preferência por uma ou outra língua;
10. Inserção social em Portugal;
11. Leituras em português (revistas, livros).

Leia em voz alta e explique o sentido dos seguintes provérbios:

– Quem dá o pão, dá o pau.

– Não metas a foice em seara alheia.

– Março, marçagão, manhã de chuva, tarde de Verão.

– Casa roubada, trancas à porta.

Traduza para inglês o seguinte texto:

Na semana passada fui à livraria para consultar discretamente um livro extremamente caro e tirar uns apontamentos bibliográficos. O empregado foi tão ordinário comigo por eu não fazer despesa que acabámos por ter uma grande discussão. Fiquei tão furioso que me apeteceu atirar-lhe à cabeça com a balança que estava ali ao lado. Resumindo, desde então não suporto pessoas mal-educadas.
